

Director — DAVID DRAGA  
Editor — MENDES BRAGA

Redacção e Administração:  
Rua Dr. José Sampaio, 6

Composição e impressão:  
«Minerva Ribeiro»  
Rua de Gil Vicente, 34—Guimarães

Propriedade da Empresa «O Taralhão»

# O Taralhão

Quinzenário Humorístico e Literário

I ANO N.º 2

Guimarães, 7 de Setembro de 1924.

## Dissipando trevas

Vamos desfazer algumas más impressões que a opinião publica vem revelando de há tempos para cá a respeito do nosso jornal. A sua classe de humorístico basta para provar que qualquer piada, por mais exaltada que a apresentemos, não deixa de ser inofensiva.

Buxas de papel alguns lhe chamam, e não é desacerto, porque se fazemos observações com a intenção de ridiculisarmos certos actos prejudiciais á sociedade, também apresentamos por vezes a piada ingénua que vagueia a descoberto na boca popular. Porém, como este povo ainda não está suficientemente educado, surgiu a má interpretação, o que lamentamos sinceramente.

Cavalheiros houve que se dirigiram petulantemente ao nosso director a pedir-lhe satisfações de *tal e etc.*, sem lograrem obter respostas favoráveis, apesar de provocarem scenas mirabolantes. Não sustentamos crédito politico, nem poupamos os satélites de qualquer ideal quando o seu comportamento nos dê motivo para tal; portanto, devemos analisar «O Taralhão» como um jornal independente que impavidamente critica todos os poderes da sociedade assim como sem adulação ou lisonja louva as virtudes e excellencias de pessoas respeitáveis.

Negamos as satisfações pessoais, sem excepção de qualquer cavalheiro, mas estamos prontos a dá-las jornalisticamente a quem no-las exigir. Houve quem se offendeu com a futil piada deste jornal. Não há motivo, francamente; para tal fim se não fundou «O Taralhão».

Não somos guiados pela luz chamejante de qualquer ódio, nem nos deixamos adormecer perante as primeiras evasivas das redes inimigas. Não, e nunca! Caminhámos impetivamente na mesma linha, sem recuar um só passo,

Pedimos desculpa aos nossos leitores por no numero passado não indicarmos que o nosso editor é o sr. Mendes Braga, assim como a redacção é na Rua Dr. José Sampaio, e não naquela que erradamente indicamos.

sem vacilar um só momento, sem nos atemorizarmos com o pretendido processo que, segundo opiniões, estão forjando contra nós. Persistimos no nosso objectivo, que é, sem duvida, ridicularisar impiedosamente os pataratas. Dizem que a nossa piada é viva, forte, insultuosa, provocante; consultem, então, os jornais humorísticos que existiram nesta terra. E que dirão? Sabemos que alguém se esquivaria em presença desta pergunta. Mas esse *alguem* que vomite toda a sua peçonha para poder responder. Todavia continuam com as más impressões. Pois bem, para provarmos que a nossa redacção não é composta por canalha, oferecemos aos offendidos, num rasgo de lealdade, as colunas deste quinzenário, para nele se defenderem. (Convém sómente que as defesas sejam escritas sem erros de gramatica ou de lógica. Dito isto, não há razão de queixa.

Cessem as más impressões e descensem os mais amedrontados que em nada os prejudicará o nosso inofensivo jornalzinho: antes lhes abrirá caminho na estrada paludosa da vida. E quando o não julgarem agora, mais tarde o confessarão. E' esta a nossa crença. As ameaças não nos assustam, antes nos dão alento; portanto, serem os animos. Quem se exaltar cairá no mais profundo ridiculo. Todavia aqueles que nos provocam nas ruas ou nos jardins publicos, estão perdoados, porque de sobejo revelam a sua mesquinhez de espirito, a sua fraqueza intelectual.

Contra esses seremos clementes. A nossa chocarrice encontra limites na miséria deles. E sem mais nada, que nos mereça a atenção, terminamos, accentuando o que segue:—*não transpomos a intimidade da vida alheia, mas publicamos qualquer piada flagrante que, cochichando, logramos descobrir.*

Prevenimos os nossos Ex.<sup>mos</sup> Assinantes de que em breve começaremos a fazer a cobrança.

Aos Srs. Assinantes de fóra da cidade, rogamos nos enviem as respectivas importancias pelo correio. Se assim procederem poupam-nos trabalho e despesas, pelo que ficaremos muito gratos.

## NA BERLINDA

—O' compadre, você esteve no dia 24 de agosto findo na garraizada?

—Nada... Eu não vou a garraizadas... e tenho muita estima nisso! Eu sou dos tempos antigos, compadre... sou dos tempos antigos e faço parte da sociedade protectora dos animais; por isso, não levo a bem que se lhes faça mal...

—Mas aquilo não é fazer mal aos animais, compadre... aquilo é lutar com os animais, é o homem vencer o garraio, num combate de energia, de arte e de artil...

—Ora bolas para você e mais á sua cantiga! Se lhe espetassem ferros na barriga e no pescoço, como fazem aos pobres bichos, eu queria vêr o que você dizia!...

—O que havia de dizer?! Se me podesse defender como eles... não dizia nada!

—Isso sei eu... Também o garraio não diz, mas sente...

—Pois sim, compadre, diga p'ra aí o que quizer; eu é o divertimento que mais gosto, e se não fôsse o meu sofrimento que me impossibilita de saltar a trincheira, macacos me mordam se eu não me atrevia a ir tourear!... Ah! se você visse o Tobias...!? Fez coisas levadas da breca! Toureou montado numa biciclete, só com um pedal, pois que o outro lho roubaram e se não fôsse ficar-lhe a biciclete num molho, á primeira marrada que um garraio lhe deu, devia ser impagavel!

—Eu não admiro essas habilidades!

—Você não admira, porque não foi lá, senão havia de gostar de vêr o Rafael a pegar á unha a um garraio, quando o mesmo investia para êle, na ocasião em que se encontrava sentado na trincheira. E o successo brilhante obtido pelo cavaleiro Rodrigo?! Isto já não falando no Neto, nem nos outros, pois esses alcançaram um insuccesso, salvo raras excepções. Os forçados portaram-se valentemente. Foi muito bem dirigida, louvando a acção do sr. Inteligente em não consentir que cinco papos-sêcos, que se encontram em Vizela, depois de vêrem um forçado doente, fôsem fazer uma pega; os palermas eram muito tezos, mas não quizeram nada com o ultimo garraio. Mas, falando-lhe com fran-



NO REINO DOS PATOS

Um duelo

Em tempos que já lá vão  
Correndo não mui distantes,  
Um duelo, ao bofetão,  
Se deu entre dois «tratantes».

Uns dizem ser o Quintino  
O causador da pendencia,  
Que, de génio libertino,  
Mostra bem alta excellencia.

Outros dizem ser o Teles,  
O que não cremos por certo,  
Nem que da infamia mais reles  
Nos não livrems de perto.

Portanto, foi o Quintino  
Quem provocou a desordem,  
Mas o bocado mais fino  
Vamos vê-lo pela ordem.

Do jardim de S. Francisco  
Direito á Avenida Nova,  
Caminha o Quintino arisco  
Para apanhar uma sova.

Oh! Teles, dá tu primeiro!  
Disse o Quintino a tremer.  
Quintino, tu és «matreiro»!  
Clama o Teles a ferver.

Ora armaram por sinal  
O dá tu, que darei eu,  
E foram p'ra o tribunal,  
Ao som da lira de Orfeu.

Chegados ao tribunal,  
Começam co' o mesmo ardor,  
E o Quintino, p'ra seu mal,  
Estava ardendo em furor.

Oh! Teles, dá tu primeiro,  
Que eu se dou é p'ra matar,  
E não é ser faroquista,  
Mas não quero começar!

O Teles eni nas costelas  
Do Quintino, coitadinho,  
Mas nisto, ás spalpadelas,  
Torna o rapaz de mausinho!

Agora, oh! Teles, parou!  
Quero pousar a caneta  
Que, sem mentir me custou,  
«Dinheiro duma gorgeta».

E depois de isto já feito,  
Se agarraram com rancor,  
O peito de encontro ao peito,  
Sem as explosões de amor.

queza, compadre, de quem mais gostei, foi do Tobias!

—Mas quem é esse Tobias?

—Quem é? E' um toureiro de mão cheia! E' um artista que quem não o viu pode dizer que nunca viu nada! Eu só queria que o compadre o visse!

—Obrigado, compadre, obrigado, mas dispenso de vêr dessas poucas vergonhas e digo-lhe mais, você em lugar de gastar o dinheiro nesses divertimentos estúpidos, fazia uma obra mais generosa, dando-o a um asilo de mendicidade!

—Ai, ai, compadre, que você está hoje muito mau... Adeus!

—Adeusinho e, para a outra vez, agradeço mais que não me conte nada.

Cóca-bichinhos.

Mas nisto, qual D. Quixote,  
Surgindo sem dó nem lei,  
Passam mulher's em magote  
Com gritos de «aqui-d'el-rei!»

Ora adeus, amigo Teles,  
—Disse o Quintino enlevado.  
«Vou tratar das minhas peles»,  
Pois fiquei todo esmurrado.

E uma escova nos pregou,  
Deitando culpas ás «sovas»,  
Mas bem «scovado» ficou  
Com aquelas duas sovas.

Mefistofeles.

Sem comentários.

TARALHANDO

A Estela, essa encantadora rapariga que já tem despertado violentas paixões, foi pedida em casamento pelo eleito do seu coração de assucar. O pretendente, cujo nome não revelamos nem que o Campo da Feira se transforme numa mata de coelhos, teve a infelicidade de ser corrido a loto de vassoura pela mamã da já inditosa rapariga.

\*\*\*

O «Mãe-ol'h'ela» foi nomeado fiscal do parque do Castelo. Consta-nos que o mesmo, depois de vir de New-York, onde foi comprar vinte mil quintais de caroços de azeitona para sementes dos seus vastos territorios, envergará a farda de policia para segurança dos mictórios.

\*\*\*

Sua magestade el-rei D. Couto I conferiu a D. Coelho, conde da P'reira, pelos grandes serviços que tem prestado á Pátria e á Moda, o titulo de Marquês dos Calhaus.

—Saudamos o illustre titular.

\*\*\*

Tivemos o prazer de encontrar na garraizada o snr. Bento Machado, que se fazia acompanhar da mala de literatura e do inseparavel binóculo.

\*\*\*

Há tempos, uns papos-sêcos, que postados na rua Escura, dirigiam gracejos a uma interessante cosinheira, tiveram a desdita de levar nos queixos com um esfregão de limpar os tachos.

—Lamentamos o acontecimento.

\*\*\*

Consta-nos que o proprietário do Café Maneta vai adquirir a célebre Mata do Cavalinho para lá instalar o seu café.

Zé Povo.

Irrealizáveis

Que as obras do tão falado parque em volta do Castelo, comecem no próximo mês.

—Que vai ser inaugurada uma estátua a Lenine na viela de S. Crispim.

—Que um empregado da rede telefónica, foi atropelado por um electrico na rua de S. Damaso.

—Recomendamos ás autoridades competentes para mandarem concertar a estátua de Gil Vicente, que se encontra abandonada no largo de S. Francisco.

—Lamentamos que nem todas as entidades superiores assistissem á inauguração do monumento comemorativo do feito glorioso de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

—Que a grande abundancia do petróleo do Banco do Minho vai suprir a luz electrica, o que é uma felicidade para a terra.

—Que a construção da Estação Telegrafo-Postal, no largo do Proposto, não tem a estética que era para desejar.

—Que a Camara Municipal desta terra convidou alguns técnicos americanos para reparos que em breve se devem fazer nos passeios das avenidas.

—Que uma comissão de bairristas, cá do berço, vai a Londres comprar 50:000 quilometros de vidro para cobertura da praça do Mercado.

—Que o Tobias, o célebre sportman, o arrojado picador de cabras, o denodado montador de bicicleta com a fralda por fora das calças a dar ao vento, reptou Carpentier para um match de box que deve ter lugar em Outubro, no quintal do Marmelada.

—Que a empresa do «Taralhão» oferece uma assinatura gratuita a quem pagar adiantado.

—O que é irrealizável.

A garraizada que há tempos se effectuou no Hipodromo José Minotes, foi muito bem organizada, pelo que se empenhou muitissimo o ex.<sup>mo</sup> snr. Capitão Duarte Fraga.

Decorreu agradavelmente e, sem favor, mais uma vez tivemos ensejo de apreciar as qualidades do nosso arrojado conterraneo, sr. Rodrigo Teixeira.

Segundo informações de incontestaveis capacidades, sabemos que quando o sol se meche se encontra a terra parada.

Quem desejar outras informações dirija-se ao escritorio da Fábrica Lerdeira, onde se ficará sabendo que a Espanha tem muitas colonias, entre as quais se destacam a Galiza e Catalunha.



Pensamentos e ditos

Sou indiferente a tudo, excepto a meia duzia de sardinhatas da Povoia para lhe deitar uma tomatada.

*Silva.*

Tanta pimenta comi, que em poucos momentos me assemilhei a um desenterrado.

*Vilas-Boas.*

Devido á conferencia de Londres, em breve a vida baixará.

*Freitas.*

Sou um rapaz muito simpático, lá disso não resta duvida, mas não gosto de homens.

*Goelho.*

O cambio é um vulcão.

*Freitas (F. M.)*

Já não tenho charutos.

*Lapin.*

Não és afilhado dela?

*Maria.*

Quem, eu?

*Fernando.*

Dizem que o Paulino tenciona casar-se.

*Laura.*

Não acredites, que aquele bico é pássaro bisnau.

*Oliveira.*

Ui, ui... ele é que não compreendeu e tornou-se aborrecido.

*Ernestina.*

Oh! não diga isso que ele é bem criado e bem esperto.

*Ramos.*

Eu logo vi que era gente desta.

*Couta.*

Os meus movimentos, vou eu pô-los em movimento.

*Novais.*



**C**OMO as açucenas, branca e impressionante no espirito dos sonhadores, a menina Celestina cativa com os seus enleios invisíveis.

A sua voz metálica, saindo em frases verdadeiramente musicais, é, como diríamos duma divindade, um mixto de eflúvios aromáticos que pairam docemente no castelo florido dum sonho de criança. E uns olhos que possui e que realçam, verdadeira reliquia de amor, dizendo muitas vezes o que o coração lhe imprime e que a voz não diz, são um adorno sublime numas faces de ingénua deidade. Tem um cabelo que ultrapassa a fantasia, um cabelo divino que Diana havia de desejar reconhecendo a sua estonteante beleza.

Sorri por vezes como que esquecida do labirinto mundano, sorri talvez embalada pelos frivolos pensamentos de moça, sorri finalmente com um desses sorrisos que encantam, que seduzem, que enfeitiçam. O seu busto, esculturalmente belo, elegantemente bem talhado, assombrosamente gracioso, dá-nos a palida silhueta duma dessas heroínas na tragedia medieval.

E adormecida num sonho encantador, supomos vê-la sem aquele aspecto galante que tanto embriaga, sem aquele sorrir que voa pelo espaço infinito dos amores, mas sim trémula e descrente. E duas lagrimas que vemos rola-lhe nas faces, já vermelhas como papoulas, duas lagrimas que tremem, que vacilam, dão-lhe a suprema beleza, a formosura ideal que atinge aquilo a que chamamos — *um botão da natureza.*

*Jaques Belo.*

Correspondencia aldeã

Telefone 9:999

Não deixem de admirar:

As trombas mal encaradas de certas meninas, quando souberam que um tal rapaz deixou de ligar a uma pessoa das suas relações. — Que boasinhas!

Não tremas, rapaz, não tremas, Não tremas, que também vais. Porta-te bem, pois se não Tu novamente aqui caís.

**A**CALENTADO pelo meu ideal de critico, vou falar hoje num rapaz que podemos classificar de ganço.

E' exactamente isto, meus amigos! O seu aspecto impõe-se ás autoridades nas noites de ventania, ao mesmo tempo que o seu andar apressado, qual ave palmípede em correrias pelas estradas, nos infunde o respeito que se deve, aos *grandes homens* — grandes na acepção única de tamanho corporal.

A sua beldade, se este nome se pode empregar para os entes do sexo masculino, não é qualquer coisa de vulgar, de trivial, mas sim uma afronta á formosura das mais belas meninas desta terra. Esbelto rapaz aquele! Submerso nas suas profundas meditações, sem dizer hoje o que conta fazer amanhã, lá conseguiu uma interessante joven para casar, enfim, depois de negregados trabalhos. Chamemos-lhe palerma!

Com certeza ficam a perceber o mesmo por não ousar esclarecer o nome do felizardo, mas disso peço eu desculpa, pois, se ousasse pronunciar tal palavra, necessitaria submergir a minha lingua numa cápsula com agua, para que assim evitasse o seu ardimento na parte mais picante. Tal é a aspereza da palavra! Aquilo é que nem pimenta. E sem mais, faço ponto e tenho dito.

Não te rales.

A maneira toda *chic* com que certa *papa-seca* coloca o seu chapusinho branco na cabeça.

O dominio que certa rapariga exerce sobre um tal *moça* a ponto de até o proibir de fumar á sua beira.

—Olha o basbaque!!!

Os discursos arrebatadores do sr. Luis Monteiro, qu'até deixa os ouvintes comovidos.

A barriga monstruosa do sr. João Peixoto.



# ! ! PAGINA LITERÁRIA ! !

## SONHO DO MONGE

—Senhor, tende dó da minha vida pecaminosa! suplicava um monge, evocando Deus na sua imagem de crucificado.

Sinto uma sêde irresistível pelos amôres mundanos. Ela era tam linda, tam simples e tam dócil! Meu bom Jesus, para que vim profanar este convento, ultrajando a vós e enlameando esta cela se os meus pensamentos loucos voam para além desta prisão, deste retiro monástico? A lei fatal da minha vida! A sorte dominadora e cruel!...

E a sua voz debil e plangente, entrecortada por longos suspiros, se escoava pela janelinha da alcova. Ao longe, via-se uma facha rubra, indicando que já o sol se escondia por detraz do gigantesco pináculo da serra. Admirando extasiado a natural belesa do poente radiosc, ou procurando encontrar nele algum segredo de amôr, o monge se absorveu em meditações complicadas. Seu rosto, sulcado precocemente por um sofrimento amargo, em breve se abaixou tam docemente num sôno manso e quêdo que, ao mirá-lo naquela aparente serenidade—dir-se-hia—não se liga ao mundo. Uma ilusão! Enquanto a noite se avisinhava da mansão terrêna, nascia para o monge uma manhã interessante, florida, cheia de encantos, que fazia reviver o seu passado, inundando-o de vapores perfumados desde a quimera do sonho aos doces requebros de amôr. O apaixonado sonhava, revivia. Numa imensa esfera aurifulgente apareceu um aureo

palacio assente numa rampa prateada. Abriu-se o pórtico de entrada. Uma fada de cabelos louros, envergando uma tunica aurirósea, surgiu de subito, sorridente, alegre. O seu corpinho gentil, franzino, adelgado, estremeceu de surpresa ao deparar com um mancebo elegante, esbelto, palido, que com voz serena e melodiosa lhe perguntou, usando a delicada cortezia de um cavaleiro andante.

—Saberei formosa dama as indicações mais certas dêste recanto sem fama, destas paragens desertas?

A fada comoveu-se. Ao seu rosto meigo e puro aflorou um rubor repentino. E, enquanto desfolhava afogueada uma flôr de liz, cujas pétalas voavam como borboletas ao som mavioso da aura fresca, ela respondia qual diva bela achada num deserto, com uma voz branda e metálica, semelhando as baladas veementes dos antigos tunos:

—Estais no reino do sonho, em serras abandonadas, e neste solar tristonho residem mui meigas fadas.

O jovem ficou encantado. Aquela revelação parecia uma lenda, uma novela emocionante, cheia de mistério, como os contos de fadas nos bosques que a sua avó, velha trémula e supersticiosa, lhe narrava sentada á lareira nos doces serões de outôno. Enquanto os seus olhos negros, aveludados, se fixavam tremeluzindo na moça do aureo palacio, dizia seduzido

pela curiosidade e por um não sei quê de sentimental:

—Eu sou cavaleiro andante pois só nasci p'ra aventura, mas nunca fui visitante duma donzela tam pura.

E a fada disse logo com um gesto subtil, deixando transparecer algumas curvas graciosas do seu busto esguio:

—Entraí, gentil cavaleiro, nesta sublime mansão, sois o noivinho trigueiro que escolhe o meu coração.

Entrou entusiasmado no fabuloso palacio. Contemplava patético os salões estupendos, as camaras deslumbrantes, as galerias das madonas, forradas a ouro e tapetadas a flores eternas, enquanto aos ouvidos lhe chegavam os sons da lira em harmoniosas frases. A sua admiração crescia á medida que caminhava. Entrou nos jardins, miniatura gracil da famosa Babilonia; chegava a crêr-se em presença do paraíso terrestre. Via fadas de côr branca e morenas; umas arrancando de harpas e violinos valsas apaixonadas, ora rápidas e inflamadas, ora cadenciadas e tristes, outras banhando-se no sereno lago, ora deslizando como ninfas em volta das belas figuras, esculpidas em mármore, que de espaço a espaço se erguiam, ora surgindo de surpresa como sereias fazendo ouvir seus cantos.

Continua.